

"Um livro maravilhoso que retrata muito bem a vulnerabilidade de adolescentes envolvidos em joguinhos de adultos." – Ali Hazelwood

# AMIZADES FATAIS



JULIE SOTO



Para Anna, Amanda e Fancy Margaret





## *Nota sobre conteúdo*



Este livro aborda temas sensíveis, incluindo: suicídio, bullying, alcoolismo, questões de imagem corporal e referências a estupro.





# Prólogo



Eu morri na noite do baile de encerramento.

Era para ser uma noite cheia de cetim e renda, limusines e quartos de hotel, beijos roubados e erros adoráveis. Enquanto meus colegas davam risada, dançavam e tiravam fotos, eu me enfiei na banheira com meu vestido cor-de-rosa requintado e esvaziei o frasco de analgésico da minha mãe goela abaixo.

Apaguei com o cantarolar de uma dança lenta nas veias.

A polícia de Sacramento falou que tinha sido suicídio, mas minha mãe berrou e meu pai gritou: *Emily nunca faria uma coisa dessas! Podem perguntar pra qualquer um que a conhecia de verdade!*

E a polícia foi investigar. Todos os adolescentes, o rei e a rainha do baile, futuros líderes empresariais dos Estados Unidos e futuros traficantes de Modesto.

– Ah, com certeza foi suicídio – declararam.

Mas uma frase escapou em vários depoimentos. Duas palavras que susurrei nos ouvidos deles até que ficassem na ponta da língua de todos tanto quanto *seguidores, filtros e provas finais*.

*Os Thrashers.*





# Capítulo 1



JULHO

Se dependesse de Jodi, ela iria para a cama às onze da noite às sextas-feiras, assistiria à Netflix e fingiria que o pote de Ben & Jerry's servia uma pessoa só, mas isso raramente acontecia. Caroline Vallow estava dando uma festa. Jodi nem a conhecia, mas, se não fosse ao evento, passaria os seis meses seguintes ouvindo histórias: que Paige tinha dado uns amassos num estudante de intercâmbio, que Lucy e Julian tinham vencido o joguinho dos copos de cerveja atirando a bolinha de costas ou que Zack tinha conhecido seu novo casinho de verão.

Por isso, ela botou sua calça jeans mais justa, enfiou a chave de casa no sutiã e, depois de dez tentativas frustradas de ligar para Zack pedindo carona, pegou o ônibus para aquela festa da Escola de Ensino Médio St. Joseph's.

Porque, se não estivesse lá, seria como se ela não existisse.

O ônibus sacolejou e parou, e Jodi saltou, seguindo a vibração do baixo da música ruim até chegar a uma rua sem saída com casas iguais de dois andares com quintais impecáveis e um Mercedes em cada garagem. Jodi tinha morado em uma rua sem saída quando era bebê, mas só sabia disso pelas fotos que o pai mostrava da mãe dela.

Carros estacionados em fila dupla abarrotavam as calçadas, e garotos soltavam fogos de artifício do Dia da Independência enquanto garotas assistiam, sentadas em cadeiras dobráveis, apesar de julho já estar quase no fim. Jodi alisou a blusa e se abaixou para dar uma olhada no próprio refle-





xo no retrovisor de um carro estacionado. Ela ajeitou um cacho castanho-avermelhado atrás da orelha antes de se dar conta de que o carro estava *balançando*, e as janelas estavam embaçadas com o que quer que estivesse rolando lá dentro. Ela deu um pulo para trás, pediu desculpa para ninguém e se afastou depressa.

Jodi se esgueirou para entrar na casa, e dezenas de olhos se voltaram para a porta, esperando ver alguém conhecido. Ela tentou sorrir enquanto davam uma geral nela, sabendo que esse era o preço a pagar por entrar de penetra na festa de alguém de outra escola. Mas, pensando bem, era possível que o pessoal da escola dela tivesse a mesma reação.

Não que ela não tivesse amigos. Mas às vezes se sentia invisível perto deles. Os amigos de Jodi nunca eram ignorados nos lugares.

– Jodi Dillon! Vem cá! – exclamou uma voz animada.

Uma garota de cabelo louro-mel estiloso, dentes branquíssimos e pernas compridas que desapareciam sob um vestidinho curto estava parada no meio da sala de estar, cercada por corpos dançantes.

Paige Montgomery, por exemplo, era alguém que entortava pescoços aonde quer que fosse, e os olhares ficavam grudados nela até que saísse do local.

Jodi acenou para ela, um pouco tímida, e apontou para a cozinha, sinalizando que ia pegar uma água. Paige abriu a boca para gritar algo em resposta, mas a música mudou e Paige berrou, jogando as mãos para o alto.

Rindo, Jodi saiu dali, atravessando um mar de copos vermelhos. Tinha um karaokê rolando nos fundos da casa – um karaokê *ruim*. Quando encontrou a cozinha, ela foi direto até uma tina de metal na ilha em busca de garrafas de água, mas um cara alto passou na frente dela bem na hora em que Jodi estendeu a mão.

– Foi mal – disse ele, com um sorriso. – Quer cerveja?

– Não, na verdade eu não bebo...

– Você tava na turma de álgebra da Freeman comigo este ano? – perguntou ele, depois pegou uma Bud Light, atirou o boné na bancada de granito e enfiou a garrafa na mão dela. – Eu sou o Matt.

Os dedos dela se fecharam ao redor da garrafa gelada. Jodi abriu a boca para dizer que nem era da escola dele, mas Matt continuou falando.

– Em que faculdades você tá de olho? – quis saber e, depois, sem fazer





uma pausa para ouvir a resposta, acrescentou: – Tô me candidatando para a Santa Barbara e San Diego. A vida na praia é incrível, né?

– Com certeza – respondeu ela, alongando as vogais.

– Matt, pega a jarra de água filtrada – pediu uma garota que apareceu atrás de Jodi.

Ela estava de biquíni e nada mais. Seus olhos deram uma geral em Jodi de cima a baixo, e os lábios se curvaram para baixo.

– Claro. – Matt atendeu no mesmo instante, pegando a jarra na geladeira e enchendo um copo vermelho para a garota. – Ei, vocês ouviram falar que o Zack Thrasher tá aqui? – perguntou Matt para as duas.

Os olhos da garota se viraram depressa para Matt, arregalados.

– Sério? Bem na hora que eu tô indo embora? – reclamou ela, baixando a cabeça para dar uma olhada nos poros da pele pelo reflexo da torradeira.

Jodi conteve um sorriso enquanto apanhava um copo vermelho e pegava a jarra de Matt.

– Quem é Zack Thrasher? – perguntou, fingindo curiosidade.

A garota pareceu chocada.

– Tá de zoeira, né?

Jodi virou os olhos inocentes para ela e balançou a cabeça. Aquilo prometia ser bom.

– Ele é o armador da New Helvetia – disse Matt, animado. – Ouvi dizer que ele pegou o chapéu da Taylor Swift no show dela em Santa Clara. Ele tava na área VIP com a Gigi Hadid.

– Você soube que ele descobriu uma banda antiga chamada KISS e a escola toda apareceu no baile de primavera com o rosto pintado? – perguntou a garota.

Jodi bufou. Foi *ela* que “descobriu” o KISS e mostrou para Zack, mas, sim, o lance da pintura facial era verdade.

Estava prestes a sair em busca do garoto em questão quando ouviu algo terrível acontecendo no cômodo ao lado.

– Quero dedicar essa música a Jodi Dillon – disse uma voz conhecida, saindo dos alto-falantes do karaokê. – “Hey Ya!” é a música favorita dela.

Jodi espiou do canto da cozinha e olhou para o garoto bonito com o microfone sorrindo para ela.





– Essa é pra você, Jodi – disse Zack Thrasher.

Depois disso, ela teve que se sentar e ouvir o melhor amigo cantando, bêbado, a música que ela mais odiava.

Ele foi dançando até ela, atraindo um monte de gente, e pelo menos ela teve o prazer de ver os olhos da garota de biquíni quase saltarem das órbitas enquanto a atenção de Zack Thrasher se concentrava apenas em Jodi.

Se ela tivesse que adivinhar, diria que ele havia virado pelo menos umas quatro cervejas. Zack era um bêbado brincalhão e imprevisível, que pulava do telhado para dentro da piscina, acendia a churrasqueira de um desconhecido para agradecer uma garota que estivesse a fim de um cheeseburger ou simplesmente passava horas dançando a pior música do mundo.

No refrão de “Hey Ya!”, Matt foi a pessoa que gritou “ice cold!” mais alto e, quando Zack cantou a parte de “Okay, now ladies”, ele enfiou o microfone na cara de Jodi.

– “Yeah?” – respondeu ela, seca.

Zack caiu na gargalhada e passou o microfone para outra pessoa. Ele abraçou Jodi até erguê-la do chão.

– Onde você tava? – perguntou ele.

Em seguida, Zack a colocou no chão, tirando o cabelo castanho-claro dos olhos e sorrindo para ela com os dentes perfeitamente retos daquele jeito que fazia Jodi sentir um frio na barriga.

– Achei que você não fosse vir.

– Eu te mandei mensagem pedindo carona – disse ela.

– Merda! Já acabou a bateria do meu celular. – Ele fez uma pausa. – Manda mensagem pro Julian! – exclamou ele de repente, como se ela ainda precisasse de carona.

Jodi apertou os lábios em um sorriso tenso.

– Eu mandei. Nada.

O olhar dela desviou para o cara alto de cabelo escuro, com perfil de modelo, que tinha se juntado a Zack na cozinha. Julian Hollister tomou um gole do copo vermelho com um olhar calculado.

– Hum. Acho que eu tava sem sinal.

Jodi estreitou os olhos para ele, mas, antes que pudesse responder, Matt se adiantou.

– Você é o Zack, né?





– Sou! É um prazer te conhecer.

Zack estendeu a mão. Ele era uma das únicas pessoas que ela conhecia que dava apertos de mão, um costume que o pai tinha inculcado nele.

– Eu sou a Monica – disse a garota de biquíni, com um sorriso paquerador.

Ela se debruçou na ilha da cozinha, apertando os seios e, assim, de repente, a atenção tanto de Zack quanto de Julian se desviou por completo de Jodi.

– O que te fez vir numa festa da St. Joseph? – perguntou Monica.

Jodi revirou os olhos e se virou para a pia, resolvendo encher a jarra de água antes de devolvê-la para a geladeira. Tinha acabado de colocar a jarra lá dentro quando uma sombra cobriu seu ombro. Sem levantar o olhar, soube que Julian estava se preparando para acabar com a noite dela.

– Boa demais pra tomar água da torneira, Dillon?

Jodi olhou feio para ele.

– Como se você já tivesse bebido água da torneira alguma vez na vida.

Julian Hollister era o tormento da vida dela, para dizer o mínimo sem ser mal-educada. Jodi era amiga de Zack Thrasher desde a segunda série – melhores amigos, ela até ousava dizer. Mas, quando Zack começou a se concentrar no basquete, no fim do ensino fundamental, ele conheceu Julian, e os dois se tornaram inseparáveis desde então, não importava o quanto Jodi ficasse no meio.

A família de Julian tinha dinheiro, como a de Zack. Eles praticavam os mesmos esportes, cursavam as mesmas matérias nas mesmas turmas, gostavam do mesmo tipo de humor. Mas Julian era grosso por natureza. Ele colava nas provas, chifrava as garotas e não pedia desculpa por nada. Era tão atraente que dava nojo, Jodi sabia, e, exceto pelo cabelo escuro e os ombros largos, ele e Zack combinavam até mesmo no jeito de se vestir. Jodi pelo menos ficava feliz porque as escolhas duvidosas de Julian e seu total desrespeito pelo bem-estar dos outros não tinham influenciado Zack.

– Tá quente aqui. – Zack apontou o polegar em direção à porta de vidro.

– Não é melhor a gente ir lá pra fora?

Matt e Monica ficaram muito felizes em ir. Jodi fechou a porta da geladeira e saiu atrás deles.





Ao contrário de Julian, Zack era do tipo que sempre incluía as pessoas, charmoso e em sintonia com as emoções do ambiente. Se Jodi tentava escapar dos planos de sexta à noite – como naquele dia –, ele era a primeira pessoa a mandar uma mensagem para ela fora do grupo e perguntar o que estava acontecendo. Quando a traição do namorado de Paige foi descoberta no primeiro ano, Zack deu um soco nele no meio do pátio e depois foi direto para a casa de Paige com um pote de sorvete de chocolate com marshmallow e castanhas. Zack era... bem bacana. Jodi o conhecia havia dez anos e estava apaixonada por ele por um pouquinho menos de tempo que isso. Mas todo mundo era apaixonado por Zack Thrasher.

Só tinha uma coisa que ela gostaria que Zack melhorasse: que ele não fragmentasse seu tempo e atenção em milhares de direções diferentes.

– Aquilo lá é um Bentley?

Ele arregalou os olhos e foi correndo até a garagem, onde uns caras estavam fumando maconha ao lado de um carro prateado brilhante. Monica foi logo atrás, ansiosa, deixando Jodi, Julian e Matt para trás.

Talvez fosse egoísmo dela querer Zack todinho para si, mas, mesmo quando eram só os dois no jogo de vôlei da Lucy, ele dava um jeito de convidar três pessoas para acompanhá-los, fazendo novos amigos aonde quer que fosse. Zack era o melhor amigo de Jodi. Mas ela era só uma das *muitas* melhores amigas de Zack.

Enquanto Julian dava uma puxada no baseado de um cara de cabelo comprido sentado numa cadeira de praia, Matt se virou para Jodi, olhando para ela com outros olhos.

– E aí, como é que você conhece o Zack Thrasher? – perguntou ele.

Jodi teve a impressão de que ele ainda não sabia que ela não frequentava a mesma escola que ele.

– Ele é tipo a realeza de Sacramento ou algo do tipo – prosseguiu Matt, sem esperar resposta. – Sei lá.

– Realeza – cantarolou Julian. – Gostei disso.

– Ele está falando do Zack, não de você – rebateu Jodi, tomando um gole de água.

– Hum. Lucy é a rainha, Paige é a princesa... – Ele inclinou a cabeça para ela. – E você é o quê, docinho?

Jodi engoliu em seco, sabendo no que aquilo ia dar.





– Talvez você seja o bobo da corte. Você entretém o rei e é engraçada nos jantares, mas não faz parte da coisa toda de verdade.

Ela contraiu o maxilar, ignorando Matt enquanto ele observava os dois como se assistisse a uma partida de tênis. Ela fitou os olhos castanhos e frios de Julian por cima da borda do copo vermelho.

– Você pode me ofender, ignorar as minhas mensagens, “me esquecer” depois de um encontro de torcedores de um jeito bem conveniente – retrucou ela, pois não tinha se esquecido daquilo –, mas eu não vou a lugar algum.

Em seguida, ela apertou os lábios e sibilou:

– Vamos só terminar o último ano. Quando você estiver lá na Ivy League, nunca mais vai ter que olhar na minha cara.

Os olhos de Julian cintilaram de tanto que estava se divertindo. Os lábios se abriram...

– Jodi!

Um grito familiar perfurou as orelhas dela, e Jodi se virou. Paige vinha correndo na direção dela, descalça.

– Aí está você, amiga.

De repente, Jodi foi envolvida por uma nuvem de perfume Fantasy e ondas louras deslumbrantes. Ela deixou de lado a irritação que só Julian Hollister era capaz de provocar e deu um abraço bem apertado em Paige.

– Oi! – exclamou Jodi. – Onde tá a Lucy?

Mas a pergunta foi respondida um instante depois. Atrás de Paige, viu Lucy descendo os degraus até o quintal, do jeito que Jodi gostava de chamar de “Lucy em câmera lenta”.

Lucy Reed era ridiculamente atraente: alta, com pele escura e um cabelo preto espesso que sempre parecia ter sido devidamente bagunçado por um profissional no salão de beleza. Ela não era apenas deslumbrante, era fatal. Uma pessoa que não se deveria contrariar. Era mais difícil se entrosar com ela do que com Paige, mas, uma vez amiga de Lucy, era para a vida toda.

Quando “Lucy em câmera lenta” enfim se aproximou, Paige se afastou do abraço esmagador e brincou com o cabelo de Jodi.

– Tá perfeito, amiga! Você fez os cachos como eu te ensinei!

– Tá muito bonito mesmo – concordou Lucy.

O peito de Jodi inflou com o elogio, feliz por ter feito algo com o cabelo que tinha ficado remotamente parecido com o de Paige.





Paige era o oposto de Lucy, mas as duas se complementavam como azeite e vinagre. Ela era líder de torcida e vice-presidente do conselho estudantil e – o que era bem engraçado – competia na olimpíada de matemática. Uma pessoa leve e alegre, enquanto Lucy era dura e intransigente. Na maioria das vezes, as duas se afastavam e cuidavam da própria vida, deixando Jodi sozinha para se defender de Julian. Todo mundo sabia que Lucy e Paige também estavam apaixonadas por Zack.

De fora, podia parecer estranho, mas não havia tensão – desde que Zack não “escolhesse” oficialmente uma delas.

– Ai, caramba! – exclamou Matt.

Ele passou a mão no cabelo, os olhos se alternando entre cada um dos quatro. Respirou fundo, encarando-os como se tivesse visto um fantasma.

– Vocês são os Thrashers.

Jodi suspirou, e Julian revirou os olhos. O nome do grupo era ridículo. Eles nunca se chamavam desse jeito.

– E você é...? – perguntou Lucy, erguendo uma das sobrancelhas, modeladas com perfeição.

Toda a bravata que ele teve com Jodi sumiu.

– M-Matt – respondeu ele, com um leve aceno de cabeça que foi meio estranho.

Lucy deu um passo à frente, e Matt engoliu em seco.

– Meu nome é Lucy Reed. Não é “Thrasher número 4” nem nada do tipo.

– Tá. Desculpa. Quer uma bebida?

Ela estendeu a mão e pegou a cerveja de Matt da mão dele.

– Eu já tenho uma.

Lucy sempre parecia muito durona depois de tomar alguns drinques, mas Jodi sabia que ela roubava as bebidas dos caras porque os copos não estariam batizados. Ela contou a Jodi que precisou aprender esse truque na marra no primeiro ano.

– Tá se divertindo, Matt? – perguntou Paige, avaliando-o com um brilho no olhar.

– Demais – respondeu Matt, e Julian deu uma risadinha dentro do copo.

– E de onde vocês conhecem a Caroline?

– Não conhecemos – respondeu Julian, sorrindo. – A gente não tem permissão pra ir em festas com o nosso pessoal.





Quando Matt absorveu a resposta, seus olhos se arregalaram. Ele falou, baixando a voz:

– É verdade. Escola New Helvetia, né? Uma garota não acabou de morrer? Vocês conheciam ela?

Como uma música que parava antes de a batida terminar, de repente a festa de Caroline Vallow já não era mais um lugar tranquilo para distrair a cabeça.

Jodi ficou paralisada, como sempre ficava quando o nome de Emily era mencionado na TV, nos corredores antes das provas finais ou por trás de palmas das mãos em forma de concha quando ela passava. Paige inspirou fundo ao lado dela, algo que tinha começado a fazer um mês antes, reclamando que às vezes não conseguia respirar. Julian ficou muito quieto, encarando o próprio copo. Com os olhos fixos em Matt, Lucy deu uma risadinha baixa e felina, como se ele tivesse dito algo divertido.

– Na verdade, não – respondeu ela, por fim.

Mas o estrago estava feito. Matt retribuiu o olhar dela com uma expressão cautelosa.

– Acho que eu fiz duas matérias com ela – acrescentou Lucy.

Paige respirou fundo mais uma vez, o ruído ecoando nos ouvidos de Jodi.

– Ela teve mesmo uma overdose na noite do baile?

Os pés de Jodi começaram a se mexer, o corpo indo logo atrás como uma marionete conduzida por fios. Alguém a chamou, mas ela abriu a porta de vidro deslizante e sumiu lá dentro. O jato frio do ar-condicionado em uma noite abafada de julho empurrou o ar para seus pulmões enquanto ela se dirigia para o banheiro do andar de baixo. Ela se enfiou lá dentro e trancou a porta antes de respirar de novo.

Jodi se apoiou na pia. No espelho, viu uma garota baixinha com um rosto comum. Alguém poderia descrevê-la como “curvilínea” por educação. Ela fechou os olhos e se concentrou em respirar.

Olhos azul-claros surgiram das profundezas da mente dela, onde Jodi os tinha enterrado. Um punhado de sardas em um nariz fino e dentes muito separados para uma boca tão pequena.

Jodi abriu as torneiras. Os próprios olhos a encaravam no espelho, castanhos e delineados. A única coisa na bancada era sabonete líquido para as





mãos, então ela bombeou um pouco na palma e contou até trinta enquanto aquela voz se insinuava nos seus ouvidos, onírica e perturbadora.

– *Às vezes fico imaginando como seria estar no seu lugar.*

*Jodi ergueu os olhos do livro de biologia.*

– *Como assim?*

*Emily assentiu, com os cabelos louros e finos cintilando ao redor das bochechas.*

– *Ser uma Thrasher.*

A notificação de uma nova mensagem a arrancou dos próprios pensamentos. Era de um número desconhecido com código de área de Sacramento. A mensagem dizia apenas: O verão está sendo bom para você?

Ela encarou a tela, tentando identificar o número, esperando que fizesse sentido.

Houve uma batida à porta do banheiro, e a voz de Zack soou através da madeira:

– Jo?

Ela logo secou as mãos e virou a maçaneta. Zack se encostou no batente com os olhos cautelosos, os ombros bloqueando o resto da festa.

– Posso entrar?

Ela abriu espaço para ele passar. Zack trancou a porta e se acomodou no assento fechado da privada.

– O que tá rolando? A Paige falou que você surtou.

Revirando os olhos, ela se recostou na pia.

– Eu não “surtei”, tá? Foi só que... alguém perguntou da Emily. – Jodi pressionou o polegar na palma da mão oposta, esfregando-o. – As últimas duas semanas de aula já foram bem ruins. Eu não sabia que ia continuar desse jeito no verão.

– Foi por isso que eu quis vir numa festa da St. Joseph. Achei que ninguém ia comentar sobre o assunto. – Ele passou a mão pelo cabelo e ergueu os olhos para ela. – Você não precisa se sentir... culpada nem nada do tipo.

Ela olhou para baixo, fitando os sapatos.

– Eu não me sinto *culpada* – murmurou.

– Você tá se escondendo no banheiro.

Ela lançou um olhar feio para ele.

– Eu só... Você não pensa nela?





– Penso. Muito – respondeu ele, com a voz rouca. Os olhos pareciam brilhar enquanto ele refletia. – Ela tá em todo lugar, sabe? Acho que às vezes eu sonho com ela. Nunca consigo me lembrar, mas fico com essa sensação.

Jodi assentiu.

– Eu também.

Na noite anterior mesmo, ela tinha sonhado que estavam fazendo o dever de casa juntas, como costumavam fazer. Tinha acordado bem na hora em que Emily perguntou: “A que horas a limusine vai vir me buscar?”

Depois disso, Jodi tinha encarado o teto por uma hora até ouvir o pai andando pela casa.

Zack se levantou da privada num pulo e segurou os cotovelos dela.

– Vem. Vamos jogar com os copos de cerveja ou algo assim.

Ele deu um beliscão nela, e Jodi se afastou com um gritinho. Zack sorriu daquele jeito que provocava um frio na barriga dela.

Três batidas fortes na porta do banheiro. Antes que Jodi conseguisse gritar para a pessoa do outro lado relaxar, uma voz *adulta* e grave bradou:

– Sai daí.

Zack franziu a testa quando abriu a porta, ficando cara a cara com um policial de bigode grosso e louro.

– Zackary Thrasher?

Jodi piscou, aturdida, e notou o silêncio da sala de jantar. O grupo de vinte pessoas tinha sumido. O baseado de alguém ainda estava soltando fumaça, que subia até o lustre.

– Sim?

– Preciso que me acompanhe, garoto.

Zack olhou para Jodi.

– Claro. Para onde vamos?

– Temos umas perguntas pra te fazer na delegacia.

Jodi sentiu a pulsação martelando nas veias.

– Não dá pra esperar até de manhã? – perguntou ela, a voz falhando.

Os olhos do policial louro se fixaram nela.

– Jodi Dillon?

Sentiu o coração parar na garganta enquanto assentia.





– Você também.

Zack se postou na frente dela.

– Policial, não tem necessidade disso. Se ligarmos pro meu pai, tenho certeza...

– O que “não tem necessidade” é eu fazer o teste do bafômetro em você e pedir um exame toxicológico quando chegarmos à delegacia. Você *quer* que tenha necessidade disso? – Ele ergueu uma sobrancelha, e o bigode deu uma mexida enquanto Zack engolia em seco. – Vamos.

Zack saiu do banheiro, e Jodi o seguiu. O policial foi atrás deles enquanto Zack cruzava a porta da frente e atravessava o gramado cheio de adolescentes cochichando, tentando esconder os copos vermelhos. Alguns estavam com os celulares no alto para gravar a cena.

O policial se virou para o resto do pessoal e gritou:

– Eu volto daqui a uma hora! Sumam daqui!

Havia duas viaturas estacionadas na rua sem saída, com giroflex apagado, mas os faróis iluminavam a fachada da casa. Outro policial estava ajudando alguém a entrar no banco de trás da primeira viatura: Julian. Paige e Lucy já estavam lá dentro, olhando para a frente com os lábios bem apertados. A porta se fechou com um baque.

O policial louro ajudou os dois a entrarem na segunda viatura, uma multidão se formando no gramado. No silêncio que se seguiu enquanto o policial ia para o banco do motorista, Zack sussurrou:

– Não fala nada.

Jodi assentiu em um movimento rápido. A mente dela começou a percorrer as possíveis razões para aquilo, descartando cada uma como mais improvável que a anterior, mas girando em torno de uma delas como espuma ao redor de um ralo.

E bem baixinho, quase falando sozinho, Zack declarou:

– Isso é por causa da Emily.





## CONHEÇA OS LIVROS DE JULIE SOTO

Não me esqueça  
Não é uma canção de amor  
Amizades fatais

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

